

# A ANGÚSTIA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM KIERKEGAARD

Vinicius Mantovani Rampineli<sup>1</sup>

Prof. Me. Suderlan Tozo Binda<sup>2</sup>

## RESUMO

A filosofia existencialista possui uma grande importância no que se refere ao entendimento do processo de constituição do sujeito, no qual, Søren Aabye Kierkegaard (1813) apresenta a angústia como fator primordial para essa realização. Compreendendo esse estado como momento de possibilidades que o sujeito possui é fundamental questionar: como a angústia possibilita a constituição do sujeito? Por meio de uma pesquisa bibliográfica, pretendesse-se alcançar os objetivos de perceber os pressupostos da angústia, bem como seu conceito e os estágios existenciais que ela perpassa, além de apontar as contribuições dela para o sujeito. Assim, o intuito foi apresentar que a vivência da angústia nos estágios estético, ético e sua superação no religioso é fundamental para sua constituição, pois o homem é impotente para suportar as consequências de suas escolhas, mas que se lança em Deus para efetivar sua síntese de corpo, alma e espírito.

**Palavras-chaves:** Angústia. Kierkegaard. Constituição. Liberdade. Possibilidade.

## ABSTRACT

The existentialist philosophy is of great importance with regard to understanding the process of constitution of the subject, in which Søren Aabye Kierkegaard (1813) presents anguish as a primordial factor for this realization. Understanding this state as a moment of possibilities that the subject has, it is essential to question: how does anguish make the constitution of the subject possible? Through a bibliographical research, it was intended to achieve the objectives of perceiving the presuppositions of anguish, as well as its concept and the existential stages that it goes through, in addition to pointing out its contributions to the subject. Thus, the intention was to present that the experience of anguish in the aesthetic, ethical stages and its overcoming in the religious stage is fundamental for its constitution, since man is powerless to bear the consequences of his choices, but he throws himself on God to effect his synthesis. of body, soul and spirit.

**Keywords:** Anguish. Kierkegaard. Constitution. Freedom. Possibility.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso em Filosofia do Centro Universitário Salesiano- UniSales. E-mail: mantovanivinicius@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduado em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana - Roma - (2006). Atua como professor de filosofia no Centro Universitário Salesiano. E-mail: sbinda@souunisales.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Søren Aabye Kierkegaard é um filósofo dinamarquês da cidade de Copenhague que nasceu em 05 de maio de 1813 e faleceu em 11 de novembro de 1855. Sua vida religiosa foi marcada por valores luteranos. Aos vinte e um anos já tinha perdido sua mãe, cinco irmãos, ficando somente seu pai e seu irmão mais velho, algo que favoreceu sua propulsão para a escrita de temas como a angústia. Sua filosofia é uma teoria que favorece o sujeito perceber que para se constituir deve viver na autenticidade e um olhar pela fé para sua subjetividade (GOUVÊA, 2000).

No pensamento cotidiano, quando se diz que o homem está angustiado, surgem a partir da ideia de perda de pessoas próximas ou até mesmo diante de decisões a serem tomadas para a vida. Kierkegaard, em sua conceitualização filosófica sobre a angústia alarga essa concepção e demonstra que esse estado está inerente à natureza humana que possibilita sua constituição por meio dos saltos que perpassa os estágios em busca da concretização de sua síntese. Assim, para conseguir desenvolver essa temática, os seguintes objetivos foram desenvolvidos: os pressupostos da angústia, o conceito filosófico de angústia, os estágios existenciais e a contribuição da angústia nesses modos de vida para a constituição do sujeito.

Nota-se que o homem de hoje se manifesta como um ser angustiado por possuir diversas possibilidades de construir sua existência. Assim, compreender o conceito de angústia e os estágios que ela percorre, auxilia na superação da fragmentação do homem contemporâneo. Nessa ótica, tal pesquisa se torna significativa, pois deseja expor que a angústia é uma possibilidade de constituição do sujeito, assim, não é algo negativo, mas, se bem vivida, faz o sujeito se tornar si mesmo.

Para a produção do presente artigo, desenvolve-se como método a “pesquisa bibliográfica” que, segundo Vergara (1998, p.43), “[...] é o estudo sistemático desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral.” Desse modo, tendo como base a obra *O Conceito de Angústia (1844)*, demais livros do dinamarquês, dos principais comentadores, bem com artigos, monografias e teses de mestrado. Portanto, diante das possibilidades que o sujeito possui, elas podem ser viabilidades de constituição de sua existência, assim é possível perguntar: A partir da filosofia existencialista de Kierkegaard, como a angústia possibilita a constituição do sujeito?

## 2 PRESSUPOSTOS DA ANGÚSTIA

### 2.1 ESTADO DE INOCÊNCIA

Em sua obra, *O Conceito de Angústia (1844)*, Kierkegaard define o significado do termo “angústia” a partir do relato bíblico do pecado original, isto é, da queda de Adão, tendo em vista que, antes mesmo do homem cair no pecado, a angústia estava presente no Jardim do Éden. Apesar do livro usar do contexto religioso, o autor não faz teologia, mas, segundo Valls: “[...] discute a questão da liberdade humana, como análise de suas condições de possibilidades” (VALLS, 2013, p.177).

Para compreender o processo de manifestação da angústia, Kierkegaard aponta alguns pressupostos. O primeiro deles é o estado de inocência no qual se encontra o sujeito. Esse estado demonstra a fundamentação da angústia na existência humana, pois pode-se deduzir que, se o homem foi culpado alguma vez, precedentemente ele era inocente (SILVA, 2018).

Este aspecto está intrinsecamente ligado ao estado natural do homem, aproximando-o da vida animal, ou ainda, de uma criança, pois ambos vivem influenciados pelo meio em que estão inseridos sem a consciência do que se passou, do que virá e da diferença entre o bem e o mal, de forma que a inocência humana se destaca pelo fato de que as possibilidades do sujeito não foram consumadas (SILVA, 2014).

O pensamento de Kierkegaard mostra que o ser humano não é somente corpo e alma, mas também é espírito e este está em potência no homem. Assim diz Søren: “O espírito está, pois, presente, mas como espírito imediato, como sonhando” (KIERKEGAARD, 2013, p. 47). Ao escolher, dentro de suas possibilidades, o homem vai acordando, pois, por possuir espírito, na medida em que toma mais consciência de sua existência, mais angústia terá (ROOS, 2021). Daí, compreende-se que os animais não possuem angústia.

Posto isso, Kierkegaard define a inocência como ignorância, não no sentido malicioso da palavra, mas como uma omissão do ser em si. Nesse estado, o homem não é ele mesmo, não por viver um imediatismo, mas vive na liquidez de seus atos, sem uma reflexão sobre eles, por isso o autor demonstra esse estado como um nada (ROOS, 2019). Assim apresenta o filósofo:

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer a angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela (KIERKEGAARD, 2013, p. 45).

Portanto, é visível que o estado de inocência assegura a possibilidade do nascimento da angústia, já que nessa condição, o homem ainda não está determinado, mas se encontra no mundo de forma imediata. Resta apenas o nada da ignorância com relação àquilo que está por vir, em que esse nada é uma das características dessa ignorância, ou seja, dessa falta de conhecimento de si que faz nascer a angústia (ROOS, 2019).

## 2.2 SALTO QUALITATIVO, ESTADO DE QUEDA E CULPA

Como dito, a inocência é o estado em que o homem não é um ser em si, pois suas possibilidades ainda não foram esclarecidas e escolhidas. Para que essas possibilidades sejam efetivadas, é necessário que o homem ultrapasse o estado de inocência por meio de um salto qualitativo, que se dá a partir de uma síntese entre o corpo e a alma, mas que é por meio do espírito que é o elemento construtivo do eu, que o sujeito toma consciência de si (PIRES; SILVA; LOPES, 2012).

Assim afirma o dinamarquês: “O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo. Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 47). Desse modo, essa perda da inocência manifesta ao sujeito um caráter de responsabilidade para a construção da sua existência.

Para contextualizar melhor o salto qualitativo, Kierkegaard atribui a origem do pecado original como base. Adão, em um primeiro momento, encontra-se em um estado de inocência, conforme narra a passagem bíblica de Gênesis: “[...] da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás [...]” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.36). Adão não consegue distinguir conceitualmente o que é o bem e o que é o mal. Contudo, cria-se uma ambiguidade em que Adão poderia permanecer na inocência ou pecar, dessa maneira através do salto qualitativo ele sai do estado de inocência e toma conhecimento de sua existência e se volta para o seu eu (ROSS, 2021).

O salto é uma decisão que o sujeito tomará. Adão, ao saltar, ao tomar a decisão de comer ou não da árvore do bem ou mal, está intimamente decidindo entre dois caminhos: cair no pecado ou ir para Deus. Portanto, essa ambiguidade de possibilidade que Adão possui antes de saltar gera nele a angústia (ROSS, 2021; FAÇANHA; LEONARDO, 2018).

Tal determinação intermediária é a angústia, que tão pouco explica o salto qualitativo quanto o justifica eticamente. Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma (KIERKEGAARD, 2013, p. 53).

Ao obter conhecimento sobre o salto qualitativo, entende-se que ele é mediador da inocência e da queda, que esse movimento leva o sujeito do desconhecimento ao conhecimento. Agora, o indivíduo consegue distinguir aquilo que é bem e mal, que por meio de sua liberdade ele escolhe viver verdadeiramente uma vida humana, mesmo que essa queda tenha sido por alguma alienação não exterior de pessoas ou do mundo, mas que está dentro do próprio indivíduo, isto é, está inerente a natureza humana (MAGALHÃES; ZUBEN, 2022).

É por meio do salto que se diferencia um estado do outro. Pela determinação do espírito em escolher dentro de suas possibilidades é posta a culpa em que detém responsabilidades para seu existir. Portanto, compreende-se que tanto o espírito como a culpa despontam a partir desse salto, que o sujeito deve tornar-se responsável pelas suas consequências (FEIJOO; PROTASIO; GILL, VERÍSSIMO, 2015).

Isto posto, percebe-se que o indivíduo, diante de sua liberdade, pode escolher alguma possibilidade e cair na culpa por escolher por aquilo que não constitui verdadeiramente. Destarte, ele continua angustiado por ser aquela culpa uma possibilidade, isto é, uma oportunidade de construção de uma nova síntese (ROOS, 2021).

### **3 ANGÚSTIA**

A partir do que se apresenta, percebe-se a possibilidade de tornar a existência do homem diferente de como ela se constitui. Assim, o sujeito tem a oportunidade de reconstruir a síntese entre corpo, alma e espírito de um novo modo. A angústia assume uma importância, pois são essas oportunidades que Kierkegaard chama de angústia, ou seja, essa possibilidade de liberdade de mudança.

É possível diferenciar a angústia do medo. Ao contrário da angústia, o medo possui um objeto. Por exemplo, ao ouvir histórias e assistir a filmes assombrosos, uma pessoa pode se defrontar com seus medos. Eles têm um objeto específico: Por exemplo, palhaço, bruxas e assombrações. Entretanto, a possibilidade de ouvir ou não é uma decisão dela. Dessa forma, ela se torna ambígua, visto que essa realidade do medo angustiará a pessoa (ROOS, 2019).

Por não possuir um objeto determinado, a angústia possui uma dimensão indefinida. Não há uma realidade concreta, mas infinitas possibilidades. Pode-se dizer que a angústia nasce a partir desse “leque” de probabilidades, que ao mesmo tempo atrai e afasta. Ainda assim, segundo Kierkegaard, mesmo escolhendo umas das possibilidades, o homem continua angustiado. Diante do poder de liberdade, o sujeito percebe-se como ser-capaz-de e pode realizar inúmeras possibilidades. Por isso, entende-se que essas eventualidades são como uma provável realização para o futuro, algo que é possível entender a partir de seu significado como a realização de alguma coisa, em que Kierkegaard expõe como um nada (ROOS, 2021).

Assim, expõe o autor Kierkegaard (2013, p. 48) “A infinita possibilidade de ser-capaz-de que a proibição despertou, aproxima-se agora ainda mais porque esta possibilidade manifesta uma outra possibilidade como consequência.”

Com base nessa afirmação, vale ressaltar-se que a advertência que Deus faz a Adão para que não coma do fruto proibido não traz uma proibição, mas desperta nele a possibilidade de escolher. Daí, entende-se o homem como um ser capaz de tomar decisões e realizar escolhas:

A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado despercebido pela inocência como o nada da angústia, agora se introduziu nele mesmo, e aqui de novo é um nada: a angustiante possibilidade de ser-capaz-de (KIERKEGAARD, 2013, p. 48).

Como exposto acima, um dos aspectos do homem é o espírito, isto faz com que ele seja superior às diversas espécies animais. O animal possui uma existência pronta e determinada pelo seu reino, já o homem possui uma existência consciente e indeterminada, que é o modo de ser do sujeito e que além disso ela é liberdade, ou seja, favorece o homem a escolher aquilo que ele deseja se tornar. Assim sendo, a existência não é a realidade ou a necessidade, mas é possibilidade. Assim diz Kierkegaard (2013, p.162) “a possibilidade é a mais pesada das categorias”. Somente

assim, compreende-se que a partir da possibilidade tudo é possível para sua realização futura (GOUVÊA, 2000).

Sendo a angústia uma experiência em que o homem exerce sua liberdade, ela acarretará duas reações: repulsão e atração. Kierkegaard (2013) exemplifica esse contexto através de um sujeito próximo ao precipício em que o modo que repulsa o homem do abismo, mas ao mesmo tempo a atração em se mostra de submergir ao abismo é precisamente a angústia, em que não é o medo de cair ou não, mas é a capacidade total de liberdade de escolha, é simplesmente o sujeito que decide em fazer ou não.

Quanto mais reflexivamente se ousa pôr a angústia, tanto mais facilmente poderia parecer que se consegue convertê-la em culpa. Mas aqui é importante não se deixar enganar por determinações aproximativas [...] nenhum “mais” produz o salto [...] Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se [...] Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade [...] o nada, que é objeto da angústia, torna-se cada vez mais um algo [...] neste caso um complexo de pressentimentos [...] (KIERKEGAARD, 2013, p. 65-66).

Kierkegaard, denominará essa duplicidade de “*antipatia simpática*” e “*simpatia antipática*”, justamente por haver essa ambiguidade de ser antipatia, mas ao mesmo tempo simpatia também de querer ou não esse objeto, que se aproxima e se distancia ao mesmo tempo. Esta experiência de dúvida é que caracteriza a busca e a fuga, ao mesmo tempo. Na realidade, isso é muito efetivo, pois notam-se pessoas que ao mesmo tempo querem terminar uma experiência amorosa, mas ao mesmo tempo não querem. A pessoa quer realizar um curso de graduação, mas ao mesmo tempo não quer. Tal indecisão angustiada é a liberdade de fazer algo à frente das possibilidades (ROOS, 2019).

Portanto, a angústia é ocasião essencial da existência humana e só o homem é capaz de senti-la, pois somente ele possui essa capacidade de reflexão sobre si e dessa maneira pode projetar para o futuro. Caso aconteça uma incerteza para o futuro, a angústia se manifesta com maior evidência e intensidade (SILVA, 2018).

#### **4 OS ESTÁGIOS EXISTENCIAIS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

Tendo, portanto, abordado os pressupostos da angústia e o que se refere a ela, é necessário apresentar os estágios existenciais propostos por Kierkegaard. Gouvêa (2000) compara esses estágios as estações e afirma que, associadas à angústia, colaboram no processo de concretização do sujeito. Há, nesse sentido, um movimento em que se avança ou retorna de um estágio para outro.

Desse modo, o homem escolhe se construir dentro das possibilidades que são manifestadas e, assim, avança conforme o estágio correspondente. Isso permite dizer que o sujeito caminha na direção da existência original. Vale refletir que não é o estágio que o sujeito se encontra que o determina, mas o próprio sujeito que sente, experimenta, aceita ou recusa a vivência naquele estágio (SANTOS, 2017).

Assim, se entende, que: Kierkegaard chama de estágios os modos da existência pelo fato de entender o indivíduo como um emaranhado de possibilidades, onde se cruzam o ser finito e infinito, temporal e eterno, possibilidade e necessidade. Se o homem avançasse como de degrau em degrau as possibilidades não seriam abertas diante da escolha de ser. E percebe-se que mesmo sendo maduro, ou espiritualmente elevado o homem não deixa de sentir desejos e por vezes deixar-se seduzir por eles. A harmonia da relação que é o homem é o que permite a ele sua autenticidade e não uma subida sem volta de estágio em estágio na construção do seu eu (SANTOS, 2017, p. 99).

O filósofo dinamarquês compreende que retornar aos estágios anteriores, após ter saltado de um para o outro, não faz com que o sujeito se negue, mas caso se torne necessário para um amadurecimento maior é viável por ele ser possibilidade. Dessa forma, estando em determinado estágio, não é necessário ficar estagnado nele sem poder ir para outro estágio ou vivenciar, ao mesmo tempo, dois modos de vida.

Assim, torna-se indubitável que o sujeito é concebido de dois focos, como afirma o dinamarquês: “O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma uma síntese”. (KIERKEGAARD, 2010, p. 25). É diante dessa afirmação que se percebe que a autenticidade do sujeito se torna real através do espírito que assume o papel de “consumador” dessa síntese. Em outras palavras, entende-se que o sujeito é uma criação do temporal e do eterno (SANTOS, 2017).

É notável que todo sujeito se encontra em algum estágio existencial. Mesmo ele sendo formado por mecanismos e essências temporais, o *telos* de sua existência é a eternidade. Cada sujeito é livre para escolher seu modo de existir e que estágio deseja viver. Como dito acima, o sujeito, possui como finalidade a eternidade e teria como

determinação a resistência daquilo que é temporal para a busca do eterno, mas o sujeito com essa possibilidade é livre de escolhas, pode efetuar essa determinação ao contrário (GOUVÊA, 2000).

O desafio do sujeito está nessa busca de equilíbrio entre polos, sem beneficiar somente um lado, para que, assim, se tenha uma clareza de conduzi-lo à verdade. É inevitável que o sujeito fuja da responsabilidade de sua existência. É necessário que ele reflita sobre seu ser e busque o seu modo de existir sem deixar de olhar para o seu “eu” e conceber objetivos de ser. Para obter resultados, desses objetivos são necessários perpassar pelos estágios: estético, ético e religioso (SILVA, 2018).

Kierkegaard, mostra, portanto, que o modo de ser não é imutável, imóvel, e sim o oposto, como um modo de vir a ser. O sujeito não é um ser pronto e acabado, mas possui liberdade e flexibilidade para moldar sua existência. Nessa ótica, o filósofo traz a concepção do “eu”, que está intrinsecamente ligado à sua autenticidade e que se cumpri a partir do meio termo entre o espiritual e o temporal. É nos estágios que o sujeito deve buscar ser em si mesmo (SANTOS, 2017).

Mas, pode-se perguntar: o que acontece se o sujeito não conseguir realizar essa síntese de construção? Ele cai na angústia. Dessa maneira, ele se angustia por não conseguir realizar essa síntese de tornar-se si mesmo. Assim, Kierkegaard apresenta os estágios para compreender o sujeito. Agora, se faz necessário evidenciar cada estágio e salientar como a angústia se faz presente em cada etapa existencial (SANTOS, 2017).

#### 4.1 ESTÁGIO ESTÉTICO

O primeiro estágio que o filósofo dinamarquês apresenta é o estético. Vale relembrar que o homem começa em um estado que o espírito estar adormecido e longe da plenitude que o faz, mas que, em um processo de amadurecimento e escolha, desperta-o. Pode-se dizer que, para a efetivação do espírito, Kierkegaard assim como Hegel faz uma fenomenologia do espírito, mas enquanto Hegel desenvolve o “eu” logicamente necessário e mediado por etapas conceituais, Kierkegaard faz um desenvolvimento contingente, que não se constitui epistemicamente, mas volitivo, ou seja, pela vontade da pessoa que é livre, nominado por Kierkegaard como salto.

Ao falar do estágio estético, vale citar a obra do dinamarquês *Diário de um sedutor* (1979), em que o estágio estético é concebido pelo filósofo, por um personagem chamado Johannes, que busca conquistar o coração da jovem Cordélia. Essa sedução por ela mostra que seu maior fim é a busca pelo prazer, fugindo de responsabilidades e interesses para construção do seu existir (SILVA, 2018). Nas palavras do próprio:

E então esqueço tudo, não tenho projetos, não faço cálculo algum, lanço a razão pela borda fora, dilato e fortifico o meu coração com profundos suspiros, exercício que me é necessário para não ser constrangido pelo que, na minha conduta, existe de sistemático. Outros serão virtuosos durante o dia e pecadores à noite; eu sou pura dissimulação de dia, e à noite, apenas desejos. Ah! se ela pudesse penetrar na minha alma — se! (KIERKEGAARD, 1979, p.85).

Ao falar da estética, é necessário a compreensão de dois termos tratados em sua obra *Estética y ética en la formación de la personalidad* (1955, p.35, tradução nossa). Kierkegaard diz: “Que é a estética em um homem? [...] A essas questões responderei: a estética em um homem é aquilo pelo qual esse homem é, imediatamente [...]”. Desse modo, é importante desenvolver os termos “estética” e “imediatismo”.

Por “estágio estético” entende-se a vivência em um mundo de prazer sensual e o “imediatismo” compara-se a uma criança brincando em um espaço aberto de forma direta e imediata, em que não há nenhuma reflexão ou escolha, mas reage de forma instintiva e instantânea.

O estágio estético é um modo de vida que não possui reflexões das possibilidades e que foge de sua interioridade, ou seja, é insuficiente para analisar suas oportunidades para ir ao encontro do transcendente, pois é condicionado pelos sentidos mundanos. Assim, o sujeito que se encontra nesse estágio vive meramente de paixões, emoções, fantasias, desejos e entre outros sentimentos imediatos que nunca se realiza e se satisfaz como pessoa. Pode-se dizer que o estágio estético é o nível mais baixo que o homem pode viver. É o mesmo modo de vida dos animais: comer, dormir, acasalar, tomar sol, entre outros. Dessa forma, percebemos que ele vive em momentos sem conexão, que não importa os encadeamentos de fatos para realização do seu “eu”, mas a variedade de possibilidades que possui (SILVA, 2018; GOUVÊA, 2000).

A vida estética do homem não é simplesmente para ele, mas é possível dizer que também vive esteticamente para o outro quando se pensa nos gastos em cosméticos, cirurgias plásticas, academias, dietas e entre outras formas de se realizar-se para o

outro. Portanto, na vida estética o homem não exerce sua liberdade. Mas, como Kierkegaard pode afirmar isso? Diante das escolhas de estudo, casamento, gostos culinários, modos de vestimentas e entre outras, observa-se que o homem é levado a essas inclinações, nas quais ele já nasce ou absorve da sociedade ao longo de sua existência e elas a determina.

À minha prática acrescenta-se ainda o fato de eu nada desejar que, no mais estrito sentido, não seja dado livremente. Que se sirvam de tais meios os sedutores de pacotilha! Que ganham eles afinal com isso? Aquele que não sabe fazer o cerco a uma donzela até que ela perca tudo o mais de vista, aquele que não sabe, à medida do seu desejo, fazer acreditar a essa donzela que ela é quem toma todas as iniciativas, esse homem é e será sempre um desajeitado; não invejo o seu prazer. Um tal homem é e será sempre um inábil, um sedutor, termos que de modo algum se podem aplicar a mim. Eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor, a sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando se alcançam os últimos favores. Sei tudo isto, mas sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima. Mas esta depende essencialmente daquela (KIERKEGAARD, 1979, p. 103).

Sua vida, então, flui em movimentos em que alguns se tornam felizes e outros não. Portanto, na citação acima verifica-se que não possui uma relação e síntese de finito-infinito, tempo-eternidade, possibilidade-necessidade. Logo, não se cria um “eu”. O sujeito é simplesmente um ego biológico e que vive pelo ser finito, sem buscar a transcendência para o infinito. Ele é manipulado e alienado pela realidade exterior, em que não busca uma escolha madurecida, mas um movimento de interesse de satisfazer seu corpo.

O sujeito, ao perceber a insuficiência da existência na vida estética, nota-se que essas possibilidades são as angústias que não são apenas pela relação com as vontades e desejos, mas consigo mesmo, pois vontades e desejos são de um acaso e vazias impulsionadas pela sensibilidade. Logo, existe a angústia por não consumir a síntese e buscar outras possibilidades como tentativas. Deste modo, o sujeito estético necessita de algo a mais, que faça com que ele amadureça, e isso será possível no estágio ético.

## 4.2 ESTÁGIO ÉTICO

A vida estética, sendo ela um modo de vida que nasce pelo desejo de viver o momento sem realizar reflexões sobre as atitudes e escolhas, faz com que as escolhas de suas possibilidades, sejam feitas sem objetivo de construção de sua identidade. Em contrapartida, a vida ética possui uma reflexão de suas atitudes e escolhas que segue com uma concordância universal, na qual se busca uma solidez e imperturbabilidade do seu “eu”, além de demonstrar uma honestidade e um dever consigo mesmo. Dessa maneira, o sujeito ético consegue controlar seus desejos e paixões que a sua liberdade lhe apresenta ele escolhe de forma autêntica a construção do “eu” que deseja ser (SANTOS, 2017).

Assim como o estágio estético possui termos centrais para a compreensão daquele modo existencial, esse estágio também possui. São eles: responsabilidade, compromisso e renúncia. A centralidade do indivíduo em relação ao grupo social que ele se encontra, depende não somente de fatores externos, mas também internos, fazendo que assim haja uma relação com ambas para se constituir; dessa maneira, o “eu” ético é estático e possui uma clareza naquilo que ele deseja ser.

A vida ética centra o indivíduo na vida do grupo social e busca bem da comunidade. Por isso, esses termos centrais citados acima são necessários para que esse bem viver aconteça, pois o sujeito se torna responsável pelas suas escolhas e pelas pessoas, possuindo compromisso em realizar aquilo que escolhe dentro da eticidade da sociedade e cuidar das pessoas com seriedade e honestidade e pôr fim à renúncia na qual as demais possibilidades que são manifestadas a ele devem ser negadas, caso seja de infidelidade (SILVA, 2018).

A escolha de uma das possibilidades nesse modo de vida não traz para o sujeito um caráter negativo e preocupação para sua existência como o esteta, mas é caráter de dignidade, pois não se deixa levar e escolher por emoções. Entretanto, é uma escolha decidida, com responsabilidade amadurecida. “Realizar uma escolha de si faz com que o indivíduo descubra em si uma riqueza infinita, é levantar a possibilidade de criar sua identidade.” (SANTOS, 2017, p.105). Mediante esta citação se compreende que o sujeito faz suas escolhas pensando no futuro, com vistas nas regras sociais e morais. Pode-se exemplificar as regras sociais como: casamento, amizade, trabalho e seguindo as leis morais, como: fidelidade, respeito e o amor, isto é, escolher ser si mesmo (SANTOS, 2017).

Escolher ser si mesmo não é ser um ser intelectual, ou seja, de um conhecimento teórico que diferencia o que é amar e não amar, perdoar e não perdoar ou até mesmo diferenciar aquilo que é bem ou mal. Todavia escolher ser si mesmo é escolher ser ético e moral. Dessa forma, o sujeito não apenas conhece, mas se torna aquilo que conhece.

O esteta identifica a felicidade humana com o prazer. O ético identifica a felicidade humana com a realização de uma tarefa obrigatória, tão essencialmente relacionada à personalidade a ponto de ser imanente dentro dela, sendo nada mais nada menos do que a realização de seu verdadeiro e dado eu (GOUVÊA, 2000, p.215).

Apesar disso, o estágio ético não anula o estético, mas ela faz com que o sujeito se limita e organiza o seu “eu”, sem se deixar ser conduzido pelas emoções e paixões, sendo assim pelo fato de saltar para um novo estágio essas experiências estéticas são observadas e reconstruídas de outra forma, pelo fato delas não serem esquecidas e apagadas (SILVA, 2018).

No estágio ético também se encontra a angústia, pois o sujeito não está acabado e determinado, mas vive uma angústia pelo motivo de não ter se apropriado de si mesmo e se cansa de ser regulado e ajustado pelas leis sociais e universais. Kierkegaard mostra como exemplo que se deve casar, pelo fato de ser algo posto pela sociedade, mas, em contrapartida, isso faz com que o indivíduo se coloque diante de outras possibilidades (SILVA, 2018; GOUVÊA, 2000).

Por conseguinte, a análise que o sujeito realiza das experiências de sua vida pessoal forma sua história no estágio ético. Arrependendo-se, ele deseja saltar para o estágio religioso, no qual, o sujeito percebe que esse modo de vida ético é quase perfeito e que somente vivendo pela lei universal e social o “eu” não se fundamenta e nem se constitui, vivendo uma vida longe da espiritual, por isso a necessidade de saltar mais distante. Assim, esse reconhecimento faz com que ele perceba que é pecador e aceite o amor que vem de Deus. Nessa perspectiva do reconhecimento de sua finitude amadurecida e mais consciente o sujeito deseja o infinito, com isso, ele salta para onde encontrar o socorro (SANTOS, 2017).

#### 4.3 ESTÁGIO RELIGIOSO

Kierkegaard finaliza as considerações dos estágios e descreve o estágio religioso. Modo esse que faz com que o sujeito busca e deseja o absoluto, o imóvel e o imutável,

ou seja, Deus. Nesta etapa de sua vida, ele sabe relacionar e perceber os demais estágios já vivenciados, de modo que ele veja e abstraia deles vivências e momentos vivenciados que são fundamentais, adequando para si de uma forma nova e com um novo sentido (SILVA, 2018).

Sobre o estágio religioso, o filósofo Dinamarquês o explica e o introduz em sua obra *Temor e Tremor (1843)*. O autor descreve que o sujeito quer se tornar si mesmo, conciliando uma problemática de séculos: razão e fé. Assim, sabe-se que a filosofia é puramente conceitos em que irá conceituando, em outra mão a fé, isto é, a experiência de relação com Deus, é uma situação que não consegue se definir conceitualmente. Dessa maneira, o sujeito religioso não deseja uma explicação lógica, mas somente lançar-se na fé. Portanto a existência na religiosidade é vivida de forma que possui uma reflexão para sua vida fundamentada na religiosidade (SILVA, 2018).

O estágio religioso é o lugar verdadeiro de encontro com o seu “eu”, que garante assim sua constituição e imediatamente encontrará o sentido para sua vida, por isso esse modo é o lugar seguro do homem. Evidencia o filósofo: “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absolutamente e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto à frente possibilidade e ter a fé.” (KIERKEGAARD, 2010, p. 163). Dessa maneira, o homem para se constituir, mediante a uma possibilidade qualquer, não pode deixar ser conduzido por ela, mas necessita adotar a fé como meio de formação.

Na obra citada acima, em que Kierkegaard conceitua o estágio religioso, ele utiliza a figura bíblica de Abraão, na qual sua atitude vai além da eticidade social e pessoal para cumprir a vontade de Deus; essa vontade era a de sacrificar seu próprio filho. Abraão, conhecido na teologia como pai na fé, obedece e aceita o sacrifício. Dessa maneira, Deus, ao perceber sua obediência, interfere para não realização, pois, Abraão já tinha professado e demonstrado que possuía fé. O patriarca assumindo esse procedimento estava indo em um caminho que era detestável pelo povo, ou seja, antiético. Com isso, pode-se perguntar como que Deus concede a Abraão um filho já na velhice e agora quer que o sacrifique? Portanto, compreende-se que o patriarca salta de sua eticidade para sua religiosidade, aceitando, assim, as limitações da vida finita e o pedido do seu Deus. O sujeito tem a consciência de que não é a força da razão que prevalece, mas é a entrega total em uma coisa que não se vê, a fé (SANTOS, 2017).

Os grandes homens não-de sobreviver na memória dos vindouros, mas cada um deles foi grande pela importância do que combateu. Porque aquele que lutou contra o mundo, foi grande triunfando do mundo, o que combateu consigo próprio foi grande pela vitória que alcançou sobre si — mas aquele que lutou contra Deus foi o maior de todos (KIERKEGAARD, 1979, p. 202).

O filósofo percebe que Abraão é um modelo de indivíduo que buscou, encontrou e viveu a verdade de seu “eu”, isto é, quis ser si mesmo, pois ele fez a relação infinito e finito, obedecendo e ouvindo a Deus (infinito) e sacrificando seu filho Isaac (finito). Portanto, umas das críticas que pode se levantar é a negação dos costumes humanos, mas essa crítica não se fundamenta, pois se pensasse assim “[...] o amor ao próximo, a exigência cristã, não se fundaria no descaso humano. Mas, o ato mais excelente está no cumprimento da vontade divina.” (SANTOS, 2017, p.108). Por isso, para o sujeito atingir seu *telos*, é necessário saltar em direção à vontade de Deus que é superior a humana.

Nessa óptica, pode-se dizer que eticamente a decisão de Abraão era de um assassino, mas é por um dever ao transcendente, em que a razão não consegue compreender. Mas pode-se questionar: existe uma suspensão entre a ética e a teologia? A fé se opõe à moral? Kierkegaard diz que sim, pois o mandato do infinito prevalece sobre a finitude e, caso o sujeito negue isso, seria negar-se a si mesmo, também a fé não se interpreta racionalmente, mas é subjetiva e escolhida pelo próprio indivíduo.

Esse aspecto do sujeito de não seguir aquilo que é comum da sociedade Kierkegaard nomina como exceção, isto é, caminhar rumo a uma existência desentoadada de uma forma padrão que o homem “comum” caminha. O homem que caminha nessa forma, escolhe viver conforme um padrão já estabelecido pela sociedade, como: o modo de vestir, o que comer e beber, qual profissão exercer e a imposição de se casar. Já aquele que realiza a exceção, ou seja, o desvio daquele padrão de regras, faz sua própria escolha trazendo para si uma autenticidade, pois é fruto de si e o outro é pela decorrência da sociedade.

Até aqui foi notável que o sujeito possui uma grande liberdade que faz com que a angústia se concretize a partir de suas escolhas, portanto, a angústia aqui faz o homem não ficar com medo do infinito como, por exemplo, o medo da morte. Assim diz o filósofo: “A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões.” (KIERKEGAARD, 2013, p.161-162). Portanto, na

medida em que a angústia vai se decaindo, e os princípios da fé vão prevalecendo, o sujeito vai se constituindo de forma autêntica, pois ele conhece seu finito (si) e o infinito (Deus) e seu espírito desperta fazendo realizar novos “arranjos” de existência (BORGES, 2014).

## 5 A CONTRIBUIÇÃO DA ANGÚSTIA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O que se pretende expor ao final desse artigo é a contribuição da angústia na constituição do sujeito. Como posto no capítulo anterior, a angústia se faz presente em todos os estágios da vida do homem. Mediante essa dinâmica da colaboração da angústia na formação do eu, é idêntico ao abismo em que Kierkegaard exemplifica em sua obra *O conceito de angústia (1844)*, em que o sujeito necessariamente se lança para se constituir e, assim, ele completa a sua síntese. Partindo dessa concepção, a angústia, assim, vivida como algo positivo faz com que o homem escolha seu próprio eu, conhecendo onde está inserido e para onde se deve ir. Logo, a angústia é um amadurecer do eu. Portanto, esse estado que perpassa toda a existência do homem por meio dos estágios, leva-o ao encontro da mais pura verdade que se encontra no seu interior.

Kierkegaard afirma: “[...] por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado” (KIERKEGAARD, 2010, p. 168). Essa afirmação mostra a necessidade da angústia no sujeito para sua construção e elevação. Porém, a permanência do sujeito nesse estado, faz com que seu espírito não desperte, acarretando, assim, a não realização de sua síntese. Dessa forma, é necessária a sua superação que se dá por meio dos estágios. Diante disso, fica claro a importância dos estágios na vida do sujeito, não como um simples sistema, mas como um meio de sua constituição, compreendo como si mesmo (PROTASÍO; GERMANO, 2022). O filósofo, em sua obra *A Doença para morte*, expõe:

O Si é a síntese consciente de infinitude e finitude que se relaciona consigo mesma e cuja tarefa é tornar-se si mesma, o que só pode ser feito pela relação com Deus. Mas tornar-se si mesmo é tornar-se concreto. Mas tornar-se concreto não é nem tornar-se finito nem tornar-se infinito, pois o que deve tornar-se concreto é já uma síntese. O progresso deve, portanto, consistir em afastar-se infinitamente de si mesmo na infinitização do Si e infinitamente retornar a si mesmo na finitização. Se, pelo contrário, o Si não vem a ser si mesmo, então está desesperado, quer saiba disso ou não (KIERKEGAARD, 1979, p.208).

A partir dessa citação, percebe-se a grandeza dos estágios na efetivação da síntese do sujeito, em que o eu, ao mesmo tempo possui forças opostas para o lado finito e infinito, mas que para uma harmonização de sua constituição é necessário o equilíbrio entre esses polos e não a exclusão de um. Por isso, a integração dessas forças faz o sujeito olhar para si mesmo, a partir da superação da angústia em cada estágios, ou seja, os saltos em direção à infinitude, porém, sem perder de vista sua finitude. O movimento que está presente aqui é de desprendimento da finitude e de si mesmo, mas esse distanciar-se não uma perda de si, até porque dentro de sua vida possivelmente haverá um retorno para a finitude, todavia haverá que possui uma nova postura com um amadurecimento, pode-se dizer como a importância da angústia para a construção do sujeito (PROTÁSIO; GERMANO, 2022).

Dessa forma, o destino existencial perpassa estágios da vida, assim, o sujeito não é apenas prazer, isto é, corpo, em que está em consonância com o estágio estético. Esse modo de viver está extremamente centrado nos desejos, vontades e prazeres de seu eu. Quem vive nesse estágio não possui uma condução própria, mas é guiado pelo mundo dos sentidos, do belo, simpático e agradável. Assim, não existe para ele valor que faça com que ele mude a direção do seu eu para si mesmo, ou seja, de sua posição autocentrada (OLIVEIRA; CREMONEZI, 2008).

Com isso, encontra-se a personalidade de um sujeito estético que é o egocentrismo. Esse aspecto nos apresenta que esse modo de ser faz com que a realidade se torna objeto, que conseqüentemente é lugar de manipulação do sujeito. Em outros termos pode-se dizer que o egocentrismo determina o mundo, assim o mundo sempre será de um eu, não como uma verdadeira realidade, mas sim de uma representação. O esteta é aquele que vive pelas vontades imediatas, sem realizar uma reflexão sobre elas, logo o homem que vive para esses momentos finitos, vive por si e para si (BORGES, 2014).

Portanto, o estético vivendo por essas sensações imediatas, nota-se que em determinado momento essa sua conduta não mais é eficaz é percebe-se assim um vazio constante e um certo desespero de não conseguir tornar-se si mesmo. Assim expõe o dinamarquês (OLIVEIRA; CREMONEZI, 2008):

Na vida do homem, chega um momento em que o imediatismo, digamos, esgotou-se; em que o espírito aspira a uma forma superior, na qual deseja assumir-se como espírito. O homem, como espírito imediato, limita-se à vida terrestre. Quando o espírito concentra-se sobre si mesmo, quer sair dessa

dispersão e consubstanciar-se em si mesmo; a personalidade quer tomar consciência de si mesma e de sua validade eterna. Se isso não acontece, [...] surge a melancolia (KIERKEGAARD, 1955, p. 48, tradução nossa).

Assim, o filósofo salienta essa incapacidade e impotência espiritual que a vida estética impõe, ou seja, essa insuficiência de despertar o espírito para a constituição do seu eu e é a partir desse reconhecimento que ele supera esse estágio saltando para o estágio ético, demonstrando assim um amadurecimento e um crescimento de seu eu.

O homem também não pode viver somente em consonância com sua alma, isto é, sua razão, como Kierkegaard vai demonstrar no estágio ético. Nesse modo de viver, o sujeito não irá ser egocêntrico, mas começa a expandir seu campo de relação, ou seja, começa a viver pensando no outro e no cumprimento do dever, em que deixa seus prazeres e vontade para exercer determinada lei moral e universais (BORGES, 2014).

Kierkegaard, exemplifica esse estágio como um matrimônio, assim fala:

No casamento, o homem não é apenas responsável por si mesmo, mas o é também por outro e diante do outro. A família promove a superação do egocentrismo, da prisão narcísica do esteta. Implica a necessidade do relacionamento da importância do outro como um fim e não como o instrumento de um capricho, de uma "experiência sem amanhã", o "brinquedo de um instante". [...] O amor conjugal tem de ser vivido como a permanência da primeira vez (FARAGO, 2011, p. 130).

A ética favorece, no entanto, essa superação da angústia estética, por estar em uma relação com o outro sendo responsável na execução do dever que favorece à família e não a si próprio. Assim, nesse estágio o sujeito reflete sobre suas ações para buscar torna-se si mesmo. Mas, o sujeito não se constitui nessa estação, pois a responsabilidade de suas escolhas recai sobre si. As leis morais estando em uma universalidade, há nesse modo uma reclamação de individualidade, por possuir um eu fixo e uma identidade clara (OLIVEIRA; CREMONEZI, 2008).

Todavia, é possível o homem suspender esse estágio ético, por algo que leva ele para a infinitude? Farago (2011, p.126) diz que sim. E essa análise, pode-se fazer pelo exemplo do capítulo anterior, em que Abraão decide sacrificar seu próprio filho, pelo pedido que Deus faz a ele. Dessa maneira, percebe-se que o patriarca abole a lei moral para lançar-se na fé.

Em uma relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do

corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu (KIERKEGAARD, 2010, p. 26).

Como posto, a vivência do sujeito pelo prazer e pela razão são insuficientes para a sua constituição, assim, é necessária uma decisão mais radical que é o salto na fé. Esse salto é o abandono total do sujeito em Deus.

Somente o estágio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação. Dissipam-se então as miragens do gozo, a prisão da lei abre suas grades em proveito da gratuidade do amor e a pessoa realiza em plenitude a aliança entre o tempo e a eternidade. O *Post Scriptum às Migalhas Filosóficas* descreve e justifica o estado religioso, que corresponde à vocação cristã propriamente dita. [...] Apenas o estágio religioso permite ao homem, muito além do prazer, muito acima da lenta felicidade do dia-a-dia, conhecer a visita perturbadora da alegria [...] (FARAGO, 2011. p. 127, grifo do autor).

Kierkegaard acrescenta, fazendo uma magnífica ação de graças:

Eis o motivo pelo qual diz ele: minha voz se elevará de júbilo, mais forte que o grito da alegria dos anjos por um pecador que se arrepende, mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia; pois o que eu procurei achei; e mesmo que os homens me arrebatassem tudo, mesmo que me excluíssem de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que me tomassem tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria dos seus desígnios (KIERKEGAARD, 2022, p.126).

Em vista disso, no estágio religioso ele tem a possibilidade de sair de seu ego e saltar na fé para ir ao encontro de Deus. Nesse sentido, o espírito possuiria um equilíbrio, pois caso o homem buscasse o fundamento das suas escolhas em si mesmo ele sempre se manteria angustiado, pois a responsabilidade e consequências das escolhas seria dele. Dessa forma o sujeito não pode ser critério de escolha, caso fosse não se libertaria da angústia, por isso é necessário se lançar a Deus para que Ele seja o critério de escolha e superação da angústia.

Agora, a angústia da possibilidade o tem como presa, até que possa entregá-lo, salvo, aos braços da fé; noutra lugar ele não se encontra repouso, pois qualquer outro ponto de repouso não passa de conversa fiada, ainda que seja prudência aos olhos dos homens. Eis que a possibilidade é tão absolutamente formadora (KIERKEGAARD, 2013, p. 164).

Contudo, somente esse estágio é capaz do sujeito possuir uma potência espiritual, ou seja, sair de seu egocentrismo e ir para um teocentrismo para que reconhece o seu projeto de vida como vontade do próprio Deus. Dessa forma, a melhor maneira de se angustiar é se direcionar para fé, ou seja, a construção de sua existência passa a ser do distanciamento da finitude para a procura da infinitude. Kierkegaard expõe isso da seguinte maneira: "A angústia é a possibilidade da liberdade, só está angústia é, pela

fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões" (KIERKERGAARD, 2013, p. 161-162). Dessa forma, o indivíduo percebe que quanto mais se direcionar para fé, mais sua constituição singular é autêntica e se direciona ao seu verdadeiro destino que lhe traz a salvação.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após percorrer os objetivos propostos deste trabalho acadêmico, percebe-se que a angústia deixa no homem um sentimento de desalento e o mundo se torna insignificativo, pois o homem se coloca diante de suas possibilidades que devem ser escolhidas, mediante sua infinita liberdade. Dessa forma, esse momento é um divisor de águas em sua existência, pois é propício para rever seus valores, o mundo no qual está inserido e como ele quer se constituir. Para isso, o sujeito é levado a refletir sobre a importância assertiva do papel da angústia para se tornar um ser autêntico e espiritual, que é necessário assumir esse caminho duvidoso e doloroso para possuir a gratificação de tornar si mesmo. Tendo como principal objetivo, apontar as potencialidades da angústia na constituição do sujeito, o caminho para construção resultou em quatro partes:

Desejando compreender os pressupostos da angústia, na qual o sujeito está inicialmente em um estado de inocência, ou seja, encontra-se em um momento que seu espírito está adormecido e as possibilidades se encontram mediante a ele, sem possuir uma ponderação delas, ou seja, existe um nada. Todavia, esse nada faz nascer a angústia. Nessa condição, o sujeito não possui capacidade de ser indivíduo, ou seja, de ser si mesmo. Perante a isso, o sujeito sente a necessidade de sair dessa condição e saltar para um momento em que desperta o espírito para a efetivação de suas possibilidades, no qual vai se amadurecendo e se constituindo. Como visto no capítulo primeiro, o filósofo narra o mito de Adão e Eva para exemplificar esse movimento da inocência ao salto. Assim, possuindo a possibilidade do bem e do mal, o homem, ao superar sua natureza de inocência, obtém uma vida verdadeiramente humana, na qual nominamos como queda, em que advir a culpa, por responsabilizar pelas consequências de suas escolhas que não faz se constituir verdadeiramente, mas que gera no indivíduo angústia, pois a culpa o possibilita escolher outras opções para constituir sua síntese de uma forma mais autêntica.

Diante disso, foi exposto como o conceito de angústia é interpretado pelo dinamarquês. Na qual percebemos que a angústia que o sujeito se encontra é de possibilidade de mudança na constituição de si e não de algo concreto. Além disto, ele é um ser-capaz-de, ou seja, a angústia define o sujeito como um ser de probabilidade de escolha. A angústia é uma expressão de liberdade, na qual o sujeito possui essas atitudes de repulsão e atração, ou seja, ele se sente uma náusea diante de suas possibilidades, mas que é livre para escolher mergulhar na angústia para se formar ou ficar nesse estado de possibilidade.

Dessa maneira, os estágios existenciais foram essenciais para compreender a angústia como construção do sujeito, sendo eles: estético, ético e religioso. Percebe-se que nesses estágios na sua vivência profunda, o sujeito retira lições para si, favorece a efetivação de sua síntese. Assim, não é viável o sujeito permanecer na sua vida estética, pois, ele vive para satisfazer os desejos do seu corpo e isso não faz tornar-se si mesmo. Também, viver eticamente, ou seja, pelas leis sociais e universais faz com que o sujeito se gaste por viver regulado, mesmo que esse estágio o faz se tornar autêntico e responsável, em outros termos é viver para cumprir o dever, assim esse estágio prepara o homem para o religioso, que é o modo existencial que o sujeito salta para o lugar onde se constitui seu eu, pois ele deixa seus prazeres e eticidade para cumprir a vontade de Deus.

Nesse horizonte, o artigo apresentou a contribuição da angústia na constituição do sujeito. Kierkegaard diz que o sujeito que sabe se angustiar compreendeu aquilo que é mais elevado de si, ou melhor, ele percebeu que a angústia faz com ele saia de um estado de minoridade e assume uma postura de indivíduo. Contudo, o sujeito não suporta viver de maneira que as consequências de suas escolhas recaiam sobre si, porém para essa superação da angústia e a efetivação da síntese é necessário ele lança-se na fé, sabendo que a fé, para o filósofo, é a individualidade, não é seguir dogmas ou uma liturgia, mas é dá uma resposta existencial, logo ele se lança em Deus para que seja o critério de escolha para existência.

Portanto, a mesma sociedade que oferece ao sujeito diversas possibilidades para construção de sua existência, deixa-o fragmentando. A filosofia Kierkegardiana é um caminho de pesquisas futuras para compreender o homem contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Renato. **Estético, ético e religioso, segundo Kierkegaard**. São Paulo: tecnologia da educação, 2014. Disponível em: <<https://www.professorrenato.com/index.php/filosofia/tecnologia-da-educacao/113-ilson-oliveira-e-andre-roberto-cremonezi>>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

CAMPOS, Fabiano Victor de O. O conceito de angústia como reflexão filosófica sobre a liberdade humana. **Rev. Sapare aude**, Belo Horizonte, v.8, n.15, p.187-210,2017.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FAÇANHA, Luciano da Silva; SOUSA, Leonardo Silva. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Soren Kierkegaard. **Rev. conjectura: filos. e Educ**, Caxias do Sul, v. 23, n. 2, p. 307-324, 2018.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; PROTASIO, Myriam Moreira; GILL, Débora; VERÍSSIMO, Luiz José. Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Rev. Psicologia: ciência e religião**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 572-583, 2015.

GOUVÊA, Ricardo. Q. **Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Kierkegaard e sua concepção da Fé Cristã**. São Paulo: Novo Século: 2000.

KIERKEGAARD, Søren. A. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **A doença para morte**. Petrópolis: Vozes, 2022.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. São Paulo: Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano. In: **Os pensadores: Kierkegaard**. São Paulo: Abril Cultura, 1979. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Di%C3%A1rio-de-um-sedutor-temor-e-tremor-desespero-humano.pdf>>. Acesso em: 03 de setembro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Estética y ética en la formación de la personalidad**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1955. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36187317/Kierkegaard\\_Estetica\\_y\\_etica\\_en\\_la\\_Formacion\\_de\\_la\\_Personalidad\\_O\\_lo\\_Uno\\_o\\_lo\\_Otro\\_II](https://www.academia.edu/36187317/Kierkegaard_Estetica_y_etica_en_la_Formacion_de_la_Personalidad_O_lo_Uno_o_lo_Otro_II)>. Acesso em: 24 de setembro de 2022.

MAGALHÃES, Hyago Porllan Bezerra; ZUBEN, Aluísio Miranda Von. A noção de angústia na obra *o conceito de angústia* de Kierkegaard. **Rev. Cultural**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 61-81, 2022.

OLIVEIRA, Ilson; CREMONEZI, André Roberto. A existência humana em seus estágios estético, ético e religioso, segundo Søren Kierkegaard. **Frontistês – Revista eletrônica do curso de filosofia, FAPAS**, Patronato, v. 2, n. 3, p. 01-16, 2008.

PIRES, Danilo Chaves; SILVA, Ednaldo Maximiano da; LOPES, Maria Inácia. **A angústia como propiciadora de um encontro com o eu autêntico na ótica reflexiva de Soren Aabye Kierkegaard**. Anápolis: magistado de filosofia, 2012. Disponível em: <<https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/A-AG%c3%9aSTIA-COMO-PROPICIADORA-DE-UM-ENCONTRO-COM-O-EU-AUT%c3%8aNTICO-NA-%c3%93TICA-REFLEXIVA-DE-S%c3%96REN-KIERKEGAARD.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

PROTASÍO, Myríam Moreira; GERMANO, Ramon Bolivar C. Kierkegaard e as personificações dos estágios na existência. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, Toledo, v. 5, n. 2, p. 84 -102, 2022.

ROOS, Jonas. **Torna-se Cristão: paradoxo e existência em Kierkegaard**. São Paulo: Liber Ars, 2019.

ROOS, Jonas. **10 Lições sobre Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SANTOS, Rômulo Gomes dos. Reflexão sobre os estágios existenciais em Søren Kierkegaard. **Rev. de filosofia Guairacá**. Guarapuava, v.33, n.1, p.95-116,2017.

SILVA, Tales Macedo da. **A angústia na concepção kierkegaardiana da existência do indivíduo**. Recife, 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/256430147/Monografia-A-angustia-na-concepcao-kierkegaardiana-da-existencia-do-individuo>>. Acesso em: 01 de março de 2022.

SILVA, Tales Macedo da. **A angústia e existência singular em Kierkegaard**. Recife, 2018. Disponível em: <[https://scholar.google.com/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=wAY7uDcAAAAJ&citation\\_for\\_view=wAY7uDcAAAAJ:d1gkVwhDpl0C](https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=wAY7uDcAAAAJ&citation_for_view=wAY7uDcAAAAJ:d1gkVwhDpl0C)>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **O crucificado encontra Dionísio**. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

VERGARA, Sylvia c. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1998. Disponível em: <<https://document.onl/documents/vergara-sylvia-constant-projetos-e-relatorios-de-pesquisa-em-administracao.html?page=2>>. Acesso em: 05 de novembro de 2022.